

A MEMÓRIA DA CIDADE ATRAVÉS DA POESIA SCIENCIANA: ARTEFATOS DO IMITADOR

Carlos Magno de Souza (UFRN) ¹

“O fenômeno se revelou espontaneamente a meus olhos nos mangues do Capibaribe, nos bairros miseráveis da cidade do Recife: Afogados, Pina, Santo Amaro, Ilha do Leite. Esta é que foi a minha Sorbonne: a lama dos mangues do Recife, fervilhando de caranguejos e povoada de seres humanos feitos de carne de caranguejo, pensando e sentindo como caranguejos. Seres anfíbios – habitantes da terra e da água, meio homens e meio bichos. Alimentados na infância com caldo de caranguejo: este leite de lama” ².

Nosso interesse é historiar as letras das músicas de Chico Science, numa preocupação de investigar como a cidade do Recife é um lugar de memória. Uma construção poética, que na visão do artista se plasma numa pluralidade unívoca na qual os sujeitos mantêm uma relação com a cidade, criando assim uma integração no seu discurso narrativo poético.

Citado nas letras de Chico Science e em depoimentos que o poeta registrou na mídia, o cientista e professor Josué de Castro, recifense morto em 1973, é o autor do romance *Homens e Caranguejos* (1966), o qual foi lido por Chico com avidez enquanto formulava o conceito mangue. Este romance descreve o cotidiano de uma comunidade erguida num manguezal do bairro de Afogados, Recife na primeira metade do século XX.

São pescadores de caranguejos, pessoas que tiram do mangue seu sustento. Suas casas, construídas com o massapé, madeira e palha do local; sua principal alimentação, os caranguejos: até as crianças eram criadas tomando mingau feito com o caldo (o “leite da lama”) destes bichos que “fervilhavam” nos margens do rio Capibaribe.

Nesse sentido, o que vamos perceber nas composições do músico, foi a influência deixada pelo escritor e geógrafo Josué de Castro, que na sua visão dinâmica e perturbadora insiste em expor a fome de um povo, que mesmo com a barriga vazia se enche de brio para brincar o bumba –meu- boi, o pastoril, o maracatu entre outros autos

¹ Pós- Graduando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-Mail: carlos.magno@yahoo.com.br

² CASTRO, Josué de. *Homens e Caranguejos*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 10.

e folguedos. O Recife é um lugar (espaço), que se reproduz socialmente na medida em que suas memórias são presentificadas, legitimadas coletivamente. Foi esse espaço poetizado, inventado e cantado por Chico Science, onde os valores simbólicos, religiosos, culturais, políticos e sociais estão no mesmo contexto fusionados.

O espaço também é de uma necessidade, o de sobreviver e lutar contra a fome. O espaço, uma necessidade biológica de todos os animais, é também para os seres humanos uma necessidade psicológica, um requisito social, e mesmo um atributo espiritual.³

A cidade tateada pelos homens anfíbios, ganha uma linguagem zoomorfizada, na qual os homens e bichos se confundem na tentativa de sobreviver. Em uma das suas letras, *Manguetown* Chico descreve alguns espaços que se transfiguram numa polifonia urbana.

I

Ha ha ha . . .
Tô enfiado na lama
É um bairro sujo
onde os urubus têm casas
e eu não tenho asas
Mas estou aqui em minha casa
onde os urubus têm asas
Vou pintando, segurando a parede
no mangue do meu quintal Manguetown

II

Fui no mangue catá lixo
pegar caranguejo
Conversar com urubu

III

Eu voarei por toda a periferia
Vou sonhando com a mulher
que talvez eu possa encontrar
E ela também vai andar
na lama do meu quintal

³ TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência. São Paulo: DIFEL, 1983, P. 66.

A letra *Manguetown*, traz uma simbiose poética com os fatos sociais que caracterizam escolhas e possibilidades de superação, no qual o artista compõe suas letras num grau de fidelidade com o tempo, imitando os próprios catadores de caranguejos e se reinventando enquanto humano.

Nas palavras de Meneses pode-se observar a memória como resposta do presente:

*Também na voz corrente, a memória aparece como enraizada no passado, que lhe fornece a seiva vital e ao qual ela serve, restando-lhe, quanto ao presente, transmitir-lhe os bens que já tiver acumulado. Ora, como se viu, a memória enquanto processo subordinado à dinâmica social desautoriza, seja a idéia de construção do passado, seja a de uma função de almoxarifado desse passado. A elaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitações do presente. É do presente, sim, que a rememoração recebe incentivo, tanto quanto as condições para se efetivar.*⁴

A história é uma narrativa de eventos.⁵ Como o romance, a história seleciona, simplifica, organiza, faz com que um século caiba numa página, e essa síntese da narrativa é tão espontânea quanto a da nossa memória, quando evocamos os dez últimos anos que vivemos.⁶

Nesse sentido, as composições de Chico Science nos revelam vários significados e particularidades que o fazer histórico proporciona aos historiadores, numa possibilidade investigativa de visualizar nos estudos através da diacronia a confrontação entre os modos de agir, pensar e sentir. Pois “Só há lugar quando freqüentado por espíritos múltiplos, ali escondidos em silêncio, e que se pode “evocar” ou não”⁷.

O Recife representado e evocado na obra de Josué de Castro na primeira metade do século XX teve também as influências de João Cabral de Melo Neto, Joaquim Cardozo e Ascenso Ferreira. Josué de Castro ousou e usou da sua sensibilidade para descrever o cotidiano de homens, mulheres e crianças que migraram do sertão e da zona da mata para

⁴ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo: USP, no 34 1992, p. 11.

⁵ VEYNE, Paul. Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história. Brasília: UNB, 4ª Ed. 2008, p. 18.

⁶ VEYNE..., p. 18.

⁷ CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. Rio de Janeiro: Vozes, 11ª Ed. 2005, p. 189.

o Recife, e aqui se misturam aos já existentes miseráveis que se avolumavam na cidade engrossando ainda mais os bolsões de pobreza da metrópole recifense.

A relação entre memória e História, ainda causa divergências entre os historiadores, mais é preciso ressaltar que ambas estão integradas. A memória, como construção social, é formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional.⁸

A cidade enquanto lugar de memória evocada através das composições de Chico Science possui um cenário geométrico, público, simbólico e repleto de valores. Na composição *A Cidade*, O autor evoca a cidade como idéia “central em “antenas” os novos produtos da cultura urbana com os desenvolvimentos mais recentes da cultura *pop*, a tecnologia eletrônica – digital e as formas da cultura local”⁹.

I

O Sol nasce e ilumina as pedras evoluídas,
Que cresceram com a força de pedreiros suicidas.
Cavaleiros circulam vigiando as pessoas,
Não importa se são ruins, nem importa se são boas.

II

E a cidade se apresenta centro das ambições,
Para mendigos ou ricos, e outras armações.
Coletivos, automóveis, motos e metrô,
Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs.

III

A cidade não pára, a cidade só cresce
O de cima sobe e o de baixo desce.
A cidade não pára, a cidade só cresce
O de cima sobe e o de baixo desce.

IV

A cidade se encontra prostituída,
Por aqueles que a usaram em busca de saída.
Ilusora de pessoas e outros lugares,
A cidade e sua fama vai além dos mares.

⁸ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo: USP, no 34 1992, p. 22. Observar os conceitos utilizados pelo autor.

⁹ VARGAS, Herom. Hibridismos Musicais de Chico Science & Nação Zumbi. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007, p. 17

A revolução causada por Chico Science, através das suas composições foram além do Recife, os ecos percussivos da música popular impactou todo o Brasil e América Latina. Chico foi um cantor e compositor olindense, um dos principais colaboradores do movimento manguebeat em meados da década de 1990. Líder da banda Chico Science & Nação Zumbi, ele é considerado o principal representante da cena musical brasileira da década de 90 da história.

O mangue foi um processo de produção e divulgação de novas criações em música *pop* – com ecos no cinema, moda, artes, plásticas, dança e literatura – ao mesmo tempo em que se recuperou as tradições musicais de Pernambuco. Esse movimento denominado de Manguebeat, se pautou tanto na busca desses ritmos e seus produtores populares, como também na construção de formas de divulgação dos trabalhos dos jovens músicos e dos artistas tradicionais.¹⁰

É importante ressaltar nesse trabalho, algumas particularidades, no sentido de que “a riqueza humana, artística e social emanadas do Manguebeat. Procuramos visualizar o particular dentro do universal, sem, no entanto perder de vista as especificidades do particular. Pois o fato musical se constrói a partir das experiências que revelam o sentido das condutas do atores sociais pertencentes a um grupo determinado, que são também indivíduos”¹¹. O movimento musical Recifense é todo ele fruto de uma realidade humana. Nessa perspectiva e levando em conta a sua pluralidade, ter uma visão global da música, sem perder de vista os aspectos sociais e humanos.¹²

A textura estética das composições de Chico Science, é outro aspecto que se leva em consideração, pois a miscelânea cultural, sobretudo na música legitimam a marca identitária e da mistura fusionada do caldeirão musical pernambucano. A análise dessa efervescência cultural e musical se impõe igualmente pela riqueza das experiências estéticas e sociais que exala. Vários aspectos fazem dele um movimento cultural, artístico e social total, como o Brasil já conheceu no passado com o Modernismo, a Bossa Nova e a Tropicalia. Mas o Manguebeat vai se distinguir pelo fato de ter sido puxado por jovens nascidos nas camadas populares dessa região. Nesse sentido, o

¹⁰ VARGAS, Herom. *Hibridismos Musicais de Chico Science & Nação Zumbi*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007, p. 17.

¹¹ TESSER, Paula. *Mangue Beat: Húmus cultura e social*. LOGOS: Comunicação e conflitos urbanos. Ano 14. 1º semestre 2007.

¹² Ver TESSER, Paula. a visão global da música.

comparamos ao quilombo dos palmares.¹³ Uma resistência que se aprofunda e deixou resquícios e influências na cidade do Recife, nesse aspecto a memória da cidade é sempre evocada através das letras musicais, sonoridade percussiva, rituais africanos e que toda essa mistura engloba as mais variadas culturas, tanto a tradicional como a contemporânea. Nesse sentido, tanto a memória da cidade é por vezes evocada e enaltecida como também as dos sujeitos que as praticam.

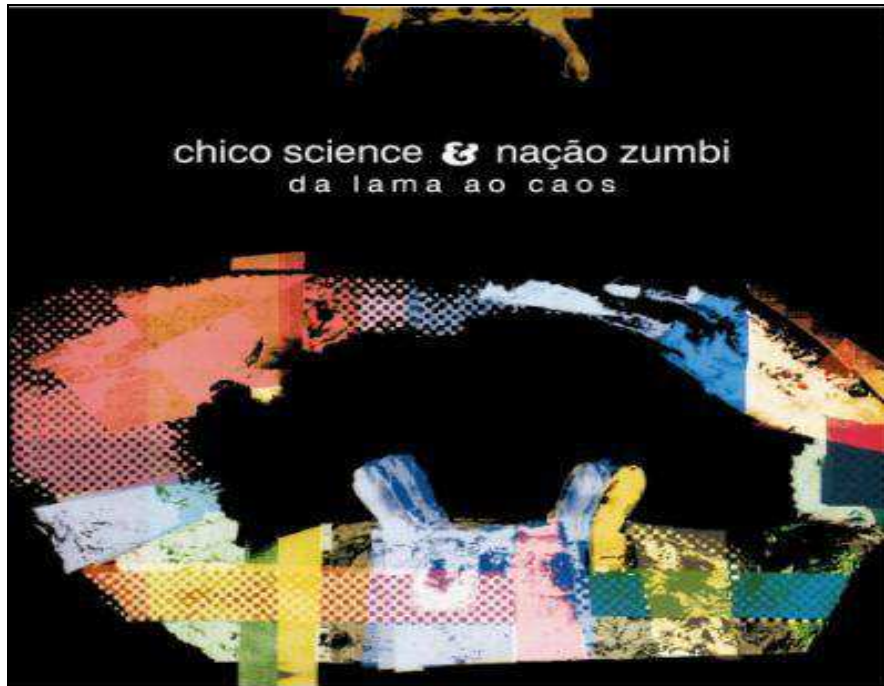


Figura 1: Capa do disco *Da Lama ao Caos*, feita por Helder Aragão e Hilton Lacerda.

No disco *Da Lama os Caos*, Chico Science & Nação Zumbi trazem na quarta faixa do disco, *A Cidade*, que se inicia com a música incidental *Amor de Criança*, de Velho Faceta, um mestre do Pastoril profano e cantador de rua recifense cujas músicas trazem letras de duplo sentido de caráter lúdico, romantismo popularesco e metáforas sexuais. A letra de *A Cidade* descreve a situação urbana de Recife com metáforas próximas ou distantes. Refere-se à violência, às péssimas condições de trabalho de pedreiros, ao crescimento descontrolado, ao glamour da cidade conhecida como turística (“A cidade e sua fama vai além dos mares/No meio da esperteza internacional”) e às diferenças sociais. O refrão é exemplar: “A cidade não pára, a cidade só cresce/O de cima sobre e o debaixo desce”.¹⁴

¹³ Ver TESSER, Paula. A comparação do Movimento Mangue Beat com o Quilombo dos Palmares.

¹⁴ Ver TESSER, Paula. Ver *A cidade*, de autoria de Chico Science.

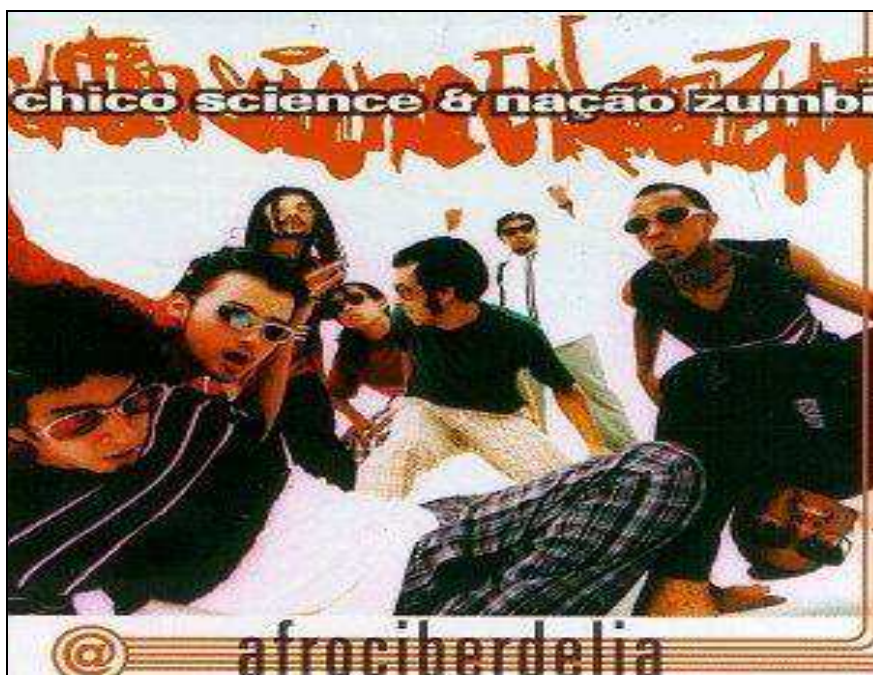


Figura 2: Capa do disco Afrociberdelia.

A cidade analisada, poetizada e memorializada nas composições de Chico Science passa por uma multiplicidade, cujos elementos presentificados estão impregnados de temporalidades. Nesse sentido, as informações contidas na obra de Josué de Castro *Homens e Caranguejos*, fizeram com que o compositor atualizasse algumas impressões e informações passadas, ou que ele *representa como passadas*.

As situações descritas pelo poeta Chico Science, sobre as metamorfoses da cidade, amplia os arquivos urbanos numa realidade social que é constituída através de processos de interação, que são processos de socialização, os quais abrem sempre novas vias em direção à socialidade.¹⁵ Foi essa realidade social vivida e experienciada que o músico introjetou e que permitiu uma *incorporação de sentidos aos objetos e reconhecimentos dos elementos recorrentes do próprio ambiente cotidiano*. Halbwachs atribuiu à memória um olhar exterior, uma entidade coletiva que nomeia grupo ou sociedade. “Para lembrar, temos necessidades de outros”. Essa é a frase paradigmática do autor, que coloca em evidência a idéia de que a experiência individual pertence a um grupo. Noções de reconhecimento, testemunho, lembranças intercambiadas, membro/pertencimento, engajamento, unidade interna da consciência, representações coletivas e influência social são fundamentais para a compreensão do olhar externo da

¹⁵ TEDESCO, João Carlos. Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo: UPF: Caxias do Sul: EDUSC, 2004, p. 43.

memória em Halbwachs.¹⁶ Nesse sentido, o músico que revoluciona a arte recifense, também adquire conhecimentos, memórias, expressões, comportamentos, objetivos de nosso próximo. Nesse aspecto Veyne diz que:

*O conhecimento de outrem é imediato, nós o inferimos dos comportamentos e expressões de nosso próximo, considerada a experiência que temos de nós mesmos e da sociedade em que vivemos. Mas não está aí toda a verdade: é preciso acrescentar que o homem não é para ele um objeto como os outros. Os homens como os animais da mesma espécie, se reconhecem entre si como semelhantes; cada um sabe que seu próximo é, no interior de si próprio, um ser semelhante. E particularmente sabe que seu próximo tem, como ele, intenções, objetivos; assim pode fazer como se a conduta de outrem fosse a sua. Como diz Marrou, o homem se encontra nele em todo o humano, sabe a priori que os comportamentos do passado se situam no mesmo horizonte que os seus, mesmo se ignora o que significava precisamente um comportamento dado: pelo menos ele sabe antecipadamente que esse comportamento tinha um sentido. Também nossa intenção é de antropomorfizar a natureza e não de fazer o inverso.*¹⁷

Esse contexto abordado por Veyne é significativo no sentido de que as poesias, as letras de Chico Science também formam o seu próprio arquivo ou podemos chamar de memórias subterrâneas, pelas profundezas do mangue e dos sujeitos que ali habitavam e dele sobreviviam ritmizadas com os valores culturais, pensando numa sociedade de cultura pós- moderna sem perder uma ancestralidade tradicional, e nesse aspecto as poesias escritas por Chico, trazem à tona o registro de uma realidade social. A façanha de ser prova: consiste não em triunfar realmente – é por isso que a vitória não importa no fundo -, mas em transformar a realidade em signos. Em signo de que os signos da linguagem são realmente conforme às próprias coisas [...] o poeta é aquele que, por sob as diferenças nomeadas e cotidianamente previstas, reencontra os parentes subterrâneos das coisas” .¹⁸

¹⁶ HALBWACHS, M. *A memória coletiva*, p. 94.

¹⁷ VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história...*, p. 147.

¹⁸ FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 64-67.

Nesse sentido, Chico Science reconstrói um Recife onde os homens caranguejos saem da lama para se integrarem socialmente através da música. Ele vai buscar força em meio aos carentes, simbolizados pelos caranguejos. Inspirado nos escritos do geógrafo Josué de Castro (O ciclo do caranguejo) nos anos 60 conhecido por sua obra humanista e política *A geografia da fome*. A obra de Josué de Castro será uma referencia do movimento Manguebeat. A idéia da lama como meio sujo mais regenerador que encontramos na obra do geógrafo, por exemplo, vai servir como uma analogia entre a relação Recife, cidade decadente e as suas novas impulsões criadoras.¹⁹

E para concluir, enaltecemos o poeta Chico Science com os seus ritmos criativos, palavras fortes, trazendo para o cenário do imaginário uma poesia que integra mais também que denuncia e mescla a ordem da textura estetizante e social. Chico soube ouvir a cidade e praticá-la, com uma sensibilidade que só o poeta traz consigo. Nesse sentido, a cidade enquanto espaço e lugar de memória se mostrou um lugar privilegiado e repleto de resistências.

¹⁹ Ver TESSER, Paula. A idéia de lama como meio sujo mais regenerador.

Referencias bibliográficas

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. Rio de Janeiro: Gryphos, 1992.

CASTRO, Josué de. **Homens e caranguejos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 2006.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória**: temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo: UPF: Caxias do Sul: EDUSC, 2004.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. Brasília: UNB, 4ª Ed. 2008.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: A Perspectiva da Experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

VARGAS, Herom. **Hibridismos Musicais de Chico Science & Nação Zumbi**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

Sites consultados

África produções: <http://www.africaproducoes.com.br>

Manguebit: <http://www.manguebit.org.br>

Manguenius: <http://www.terra.com.br/manguenius>

Discografia

Chico Science & Nação Zumbi. *Da Lama ao Caos*. Chaos/Sony Music, 1994.

Chico Science & Nação Zumbi. *Afrociberdelia*. Chaos/Sony Music, 1996.